

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A fragmentação do discurso como estética literária do Pós-Guerra [The fragmentation of discourse as a post-war literary aesthetic]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-11 02:27:46
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161784

“Nem Hegel, nem Nietzsche, nem mesmo o polêmico Wagner permitiriam, apenas pela leitura de suas obras ou de parte delas, inferências tão baixas que sustentassem uma doutrina do teor do nazismo”

apenas tem dificilmente lugar.

IHU On-Line - Na Alemanha e no mundo atual, há espaço para esse tipo de político ditador? As pessoas, em pleno século XXI, apoiariam uma política como aquela?

Ricardo Timm - As condições permanecem. Devemos perder a ingenuidade e entender que a crença em uma idéia linear de “progresso moral” não se justifica nem historicamente, nem filosófica, política ou sociologicamente. Enquanto a racionalidade instrumental permanecer ditando as regras maiores do mundo, como hoje o faz sob a forma capitalista, na transformação da qualidade em quantidade pela anulação das diferenças, da Alteridade, nada nos garante que as massas não venham a aderir ao suicídio coletivo que significam doutrinas aberrantes em relação à vitalidade e à saúde dos seres humanos individuais, das comunidades e dos ecossistemas.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista com Ricardo Timm de Souza no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

* *Nanotecnologia e filosofia*. Cadernos IHU em formação nº 26, de 2008.

A fragmentação do discurso como estética literária do Pós-Guerra

Para o historiador e crítico literário Márcio Seligmann-Silva, na literatura do pós-holocausto há uma estética da fragmentação do discurso. Além disso, esclarece, radicaliza-se a crise de paradigmas para explicar o mundo, bem como na arte e literatura

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** Segunda Guerra Mundial radicalizou aquilo que já havia sido iniciado com a Primeira Guerra Mundial, ou seja, a crise dos grandes paradigmas, tanto de explicação do mundo como nas artes e na literatura”, assinala o historiador e crítico literário Márcio Seligmann-Silva. Segundo ele, “o hitlerismo e, sobretudo, a maquinaria dos campos de extermínio, gerados por uma nação que tinha desempenhado um papel chave no Iluminismo, significou uma novidade devido à radicalidade da violência e à sua origem. A idéia de exterminar onze milhões de indivíduos (o plano de Hitler), ou seja, todos os judeus europeus, era inédita nesta radicalidade. Isto gerou uma onda de memória também inédita na sua força. Esta onda mantém-se até hoje e está na origem de milhares de testemunhos”. Ele afirma que na literatura “vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso”.

Seligmann-Silva é graduado em História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), mestre em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Freie Universität Berlin. É pós-doutor pelas seguintes instituições: PUCSP, Zentrum Für Literaturforschung Berlin e Yale University. Também é professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas e coordena o projeto temático FAPESP Escritas da Violência. Entre as obras que publicou, estão *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica poética* (São Paulo: Iluminuras/ FAPESP, 1999), *Adorno* (São Paulo: PubliFolha, 2003) e *O local da diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução* (São Paulo: 34, 2005). Organizou também os livros *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes* (Campinas: Editora da Unicamp, 2003) e *Palavra e imagem, memória e escritura* (Chapecó: Argos, 2006).

IHU On-Line - Em que sentido é possível se falar em uma mudança de paradigma na literatura pós Segunda Guerra Mundial?

Márcio Seligmann-Silva - A Segunda Guerra Mundial radicalizou aquilo que já havia sido iniciado com a Primeira Guerra Mundial, ou seja, a crise dos grandes paradigmas, tanto

de explicação do mundo como nas artes e na literatura. O que se pode dizer que acontece agora também, ou seja, desde a Segunda Guerra Mundial, é um “secamento” do veio nacionalista nascido com o romantismo. Mais e mais as encenações autobiográficas ou as tendências mais formalistas e conceituais vão predo-

minar tanto nas artes quanto na literatura. Se existe muita continuidade com relação às vanguardas históricas – sobretudo figuras como Duchamp¹ e os surrealistas, tem sido insistentemente apontados como “precursores” desta arte –, não deixa de ser verdade que existem aprofundamentos tão radicais de certas tendências estéticas, e seria mais correto se acentuar mais a ruptura do que a mera continuidade. Não por acaso, o conceito de abjeto, que Kristeva² formula no início dos anos 1980, vai fazer tanto sucesso no meio da crítica: ele concentra em si diversas tendências, já anunciadas antes, que se cristalizam de modo mais claro naquele período. Também o movimento de muitos artistas em direção à performance não pode ser confundido com uma simples reencenação de rituais dionisíacos. Justamente a consciência histórica contemporânea é marcada por uma hiper-consciência dos contextos históricos que impede a simples “imitação” ligada à *episteme* pré-romântica. Por outro lado, a arte e a literatura vão tentar encenar as novas subjetividades (esvaziadas) contemporâneas. Os jogos autobiográficos desta nova produção têm muito de encenação de forte teor testemunhal. Testemunha-se tanto as catástrofes históricas (as inúmeras guerras e genocídios) quanto os traumas individuais.

IHU On-Line - Como você definiria as escritas da violência? O que o período hitlerista legou nesse sentido?

Márcio Seligmann-Silva - Não existe uma definição unívoca das escritas da violência. O que se pode tentar fazer é acompanhar certas linhas de força que se modificam no tempo e de local para local, além dos diversos gêneros do discurso. Se é verdade que este elemento autobiográfico a que me referia aparece nas produções das artes plásticas e da literatura contemporâneas,

elas possuem muitas idiossincrasias vinculadas aos seus mídia. Aristóteles,³ na sua *Poética*, pode ser considerado o primeiro grande teórico das escritas da violência, já que uma das marcas da tragédia é a presença de eventos destrutivos, normalmente violentos, que nos abalam. O hitlerismo e, sobretudo, a maquinaria dos campos de extermínio, gerados por uma nação que tinha desempenhado um papel-chave no Iluminismo, significou uma novidade devido à radicalidade da violência e à sua origem. A idéia de exterminar onze milhões de indivíduos (o plano de Hitler), ou seja, todos os judeus europeus, era inédita nesta radicalidade. Isto gerou uma onda de memória também inédita na sua força. Esta onda mantém-se até hoje e está na origem de milhares de testemunhos. Levaremos décadas, ou séculos, para entender este material. Novas modalidades de escrita da violência surgiram nas artes plásticas, e aqui refiro-me sobretudo à estética dos anti-monumentos, de artistas como Jochen Gertz, Horst Hoheisel, Naomi Tereza Salomon, Shirin Neshat,⁴ Thomas Hirschhorn,⁵ Candida Höfer,⁶ Doris Salcedo,⁷ Louise Bourgeois,⁸ Cindy Sherman,⁹ Rosangela Rennó, Dani Karavan,¹⁰ Micha Ull-

man. Na literatura vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso, mas que se manifesta de formas extremamente diversas, de Paul Celan¹¹ a Beckett,¹² mas marcando a escritura também de uma C. Lispector,¹³ de António Lobo Antunes,¹⁴ J. Coetzee,¹⁵ W.G. Sebald,¹⁶ entre tantos outros.

IHU On-Line - Como explicaria a literatura testemunhal a partir do Holocausto? Quais são suas principais expressões e peculiaridades? A partir disso, há uma relação estreita entre literatura e trauma?

Márcio Seligmann-Silva - A questão do testemunho tem sido cada vez mais estudada desde os anos 1970. Para evitar confusões, devemos deixar claro dois pontos centrais: (a) Ao invés de se falar em “literatura de testemunho”, que não é um gênero, percebemos agora uma face da literatura que vem

¹¹ Paul Celan (1920-1970): poeta romeno radicado na França. Sobrevivente do Holocausto, foi um dos mais importantes poetas modernos da língua alemã. (Nota da IHU On-Line)

¹² Samuel Beckett (1906-1989): escritor e dramaturgo irlandês. Autor de uma obra bilingüe (francês e inglês), por vezes designada como “literatura da angústia”, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1969. *À espera de Godot* é a sua peça mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, conta a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e que vai morar no Rio de Janeiro, numa pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ António Lobo Antunes (1942): novelista português. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ John Maxwell Coetzee: escritor sul-africano Nobel de Literatura em 2003. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ Winfried Georg Maximilian Sebald (1944-2001): escritor alemão. (Nota da IHU On-Line)

³ Aristóteles de Estagira (384 a C.-322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Shirin Neshat (1957): artista visual iraniana, radicada em Nova Iorque. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Thomas Hirschhorn (1957): artista suíço, integrante do grupo de designers comunistas chamado Grapus. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Candida Höfer (1944): fotógrafa alemã, especializada em fotografias de grande tamanho de interiores vazios e espaços sociais que capturam a psicologia da arquitetura social. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Doris Salcedo: escultora colombiana. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Louise Bourgeois (1911): artista e escultora francesa influenciada pelo surrealismo. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Cindy Sherman (1954): artista plástica norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Dani Karavan (1930): escultora israelense. (Nota da IHU On-Line)

¹ Marcel Duchamp (1887-1968): pintor e escultor francês. Sua obra mais conhecida é a Fonte, na verdade um urinol comum, branco e esmaltado, comprado numa loja de construção. (Nota da IHU On-Line)

² Julia Kristeva (1941): filósofa, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa. Tornou-se influente em teoria da cultura e feminismo após a publicação de *Sémiotiké: recherches pour une sémanalyse* (Paris: Edition du Seuil, 1969). (Nota da IHU On-Line)

à tona na nossa época de catástrofes e que faz com que toda a história da literatura — após duzentos anos de auto-referência — seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. Nos estudos de testemunho, deve-se buscar caracterizar o “*teor testemunhal*” que marca toda obra literária (mas, repito, que aprendemos a detectar a partir da concentração deste teor na literatura e escritura do século XX). Este teor indica diversas modalidades de relação metonímica entre o “real” e a escritura. (b) Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação. Não se trata mais de pensar na “representação” de fatos, como na chave da teoria literária tradicional — Pré-Segunda Guerra —, mas sim de se pensar no ato de escritura como inscrição do eu, o que inclui sua memória traumática, que possui várias características, entre as quais eu destaco aqui justamente a sua resistência à inscrição simbólica.

IHU On-Line - O nazismo foi um Estado de Exceção nos moldes propostos por Agamben? Esse totalitarismo é a essência de nossa época ou apenas uma excrescência dela?

Márcio Seligmann-Silva - É importante lembrar que a Alemanha nazista existiu por seus doze anos sob o signo de um Estado de Exceção declarado. Agamben¹⁷ parte deste fato e de uma

17 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facolta di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006), *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias — A palavra e o fantasma na cultura*

“Se existe muita continuidade com relação às vanguardas históricas — sobretudo figuras como Duchamp e os surrealistas, tem sido insistentemente apontados como “precursores” desta arte —, não deixa de ser verdade que existem aprofundamentos tão radicais de certas tendências estéticas, e seria mais correto se acentuar mais a ruptura do que a mera continuidade”

longa tradição da teoria política que reflete sobre a relação entre nossa vida política “normal” e o Estado de Exceção. Sua teoria, de que o Estado de Exceção habita todo estado de direito, ele leu no ensaio de Walter Benjamin¹⁸ “Zur Kritik der Gewalt”,

occidental (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

18 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo ale-

de 1921, como ele mesmo o reconhece em inúmeros ensaios. Neste texto, Benjamin mostra que todo poder, em alemão *Gewalt*, é violência, que em alemão também é significado pelo termo *Gewalt*. De certo modo, Benjamin pensou o estado de direito como um Estado de Exceção, assim como ele pensou no homem moderno como um traumatizado, radicalizando certas teses freudianas. Mas, por outro lado, acho equivocado e até perigoso, comparar, como o faz Agamben, nossa vida nas democracias ocidentais (com todos seus evidentes limites) com a vida em um campo de concentração. Isto é perigoso porque banaliza a realidade do campo de concentração, relativiza a história e, portanto, a falsifica.

IHU On-Line - De que forma a obra de Benjamin influencia Agamben no conceito de Estado de Exceção?

Márcio Seligmann-Silva - Benjamin influenciou diretamente a teoria do Estado de Exceção de Carl Schmitt, um dos maiores teóricos da soberania, pese seu evidente compromisso com o nazismo. Além disto, questões centrais do ensaio de 1921 sobre a violência foram retomadas no livro sobre o *Trauerspiel* (drama barroco alemão) de 1925 — em que Benjamin pensa a crise da soberania no século XVII — e nos textos escritos no contexto do *Passagen-werk* (*Trabalho das passagens*), com destaque para o “Sobre o conceito da história”, de 1940, no qual Benjamin tem uma afirmação contundente que ficou famosa: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘Estado de Exceção’, no qual nós vivemos, é a regra. Precisamos atingir um conceito de história que corresponda a isto. Então teremos diante de nós como nossa tarefa provocar o efetivo Estado de Exceção; e deste modo melhorará a nossa posição na luta contra o fascismo”. Toda a teoria benjaminiana do Estado de Exceção influenciou Agamben. Agora veja só, esta passagem que cito, Benjamin escreveu no exílio, em 1940. Agamben reproduz esta idéia sem levar em conta que hoje as coisas não idênti-

mão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

cas à Alemanha hitlerista.

IHU On-Line - A história pessoal de Benjamin é semelhante à de muitos outros perseguidos pelo regime nazista. Quais são as principais marcas que restaram nos sobreviventes do Holocausto?

Márcio Seligmann-Silva - Não se pode generalizar algum tipo de herança comum a todos. O que podemos observar são as mudanças no modo de se pensar o homem, a sociedade, as artes. É claro que as pessoas que estavam, por assim dizer, no olho do furacão, sofreram diretamente com aqueles fatos terríveis. Eles tiveram suas vidas esmagadas por aquela experiência. Mas, mesmo assim, muitos sobreviventes escreveram de modo muito forte e marcante sobre estas experiências, como Paul Celan, primo Levi¹⁹, Jorge Semprun²⁰, Inre Kertesz, entre muitos outros. Devemos manter nossos ouvidos abertos para o que eles disseram sobre aquela experiência.

Micropolítica

Na literatura, vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso. Devemos levar em conta que hoje em dia existe uma convivência de inúmeros modos de se pensar e produzir obras de arte e literárias. Por outro lado, é verdade também que aconteceu um movimento que podemos interpretar como uma politização destas produções. Mas não se trata de uma politização instrumentalizadora – como a realizada pelos regimes totalitários –, mas sim de uma politização no sentido de uma micropolítica (do corpo, da memória dos traumas), que se dá tanto em termos individuais como grupais e nacionais. Vários artistas e escritores desenvolveram esta capacidade de inscrição da violência, que de certo modo está na base de toda cultura e da nossa individualização. São estas novas cartografias da memória da dor que temos que aprender a ler. Nelas, podemos ler também, aqui e ali, indicações de modos de se viver melhor, menos violentos talvez.

¹⁹ Primo Levi (1919-1987): escritor italiano, conhecido por seu trabalho sobre Holocausto, em particular, por ter sido um prisioneiro em Auschwitz-Birkenau. (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Jorge Semprun Maura (1923): escritor e político espanhol. (Nota da IHU On-Line)

O Direito no período nazista: instrumento de controle e legitimação ideológica

Um antecedente histórico e militarista prussiano, aliado ao senso de respeito à autoridade e disciplina, é um dos traços que podem explicar a falta de transgressão ou rebeldia do povo à ditadura hitlerista, analisa o advogado André Rafael Weyermüller

POR MÁRCIA JUNGES

“N ão é possível conceber um Direito legítimo no nazismo”, explica o advogado André Rafael Weyermüller. Para ele, “o Direito não era mais Direito. Era, sim, mais um instrumento de controle e legitimação da ideologia de um regime baseado, sobretudo, nas idéias de alguns poucos homens que não tinham a menor consideração por um mínimo de senso de humanidade”. Em sua opinião, “é muito difícil afirmar qual foi o fator mais importante que levou uma nação de filósofos e músicos célebres a gerar, acolher e seguir um homem extremamente limitado e perturbado com uma vida pessoal extremamente obscura e confusa, com idéias radicais e agressivas”. Mas Weyermüller pondera que, “além de músicos e filósofos, a Alemanha tinha um antecedente histórico guerreiro e militarista prussiano e um forte senso de respeito à autoridade e a disciplina. Se o Direito daquela época tinha mecanismos capazes de legitimar a ascensão do nazismo, esse senso de dever e obediência não permitia a transgressão ou a rebeldia, pelo menos foi assim para a maioria do povo”. Felizmente, conclui, “à luz do Direito hoje, principalmente do Direito Internacional, não seria possível conceber a ascensão de um poder tão absoluto e tão perverso”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

Weyermüller é graduado em Direito, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e especialista em Direito Ambiental, pelo Centro Universitário Feevale. No mestrado em Direito da Unisinos, defendeu a dissertação *Comunicação, sistemas e precaução: a questão do aquecimento global e o papel do Direito*.

ARQUIVO PESSOAL

